

JOGOS DE SOBREVIVÊNCIA E REVERÊNCIA

Cecília de Macedo Garcez*

No conto "A cartomante" de Machado de Assis, encontramos, já nas primeiras linhas, a célebre frase da tragédia *Hamlet* "há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que sonha a nossa filosofia". A referência à obra shakespereana, podemos notar, faz parte da estruturação do próprio enredo da narrativa. A marcação explícita de tal referência, partindo de um escritor tão perspicaz e brilhante quanto Machado de Assis, nos instigam a uma análise de "A cartomante" que nos permita considerar a questão da dependência cultural, da descolonização cultural, da relação entre tradição local importada.

No conto de Machado, podemos constatar, a intertextualidade é aspecto fundamental. Essa intertextualidade se manifesta de forma que, no texto, se configura um diálogo irreverente e muito interessante entre o sistema literário brasileiro e o europeu. Destacamos que tal diálogo pode ser lido em termos de apropriação, de transcrição, de desierarquização: o *corpus* literário do ex-colonizador, nos mostra o escritor brasileiro, pode ser trazido à periferia e pode ser manejado e recontextualizado de forma, inclusive, a atuar como veículo de afirmação identitária do país situado à margem do centro. A relação que se estabelece entre o texto do escritor brasileiro e o do dramaturgo inglês pode ser investigada a partir de uma ênfase na diferença existente entre ambos, ao invés de deslizar por conceitos como influência, fonte, filiação, que implicam uma perspectiva vertical, eurocêntrica, de débito entre os termos da comparação.

Machado de Assis situa o seu diálogo com a tradição literária européia em vários níveis de sua construção discursiva a começar pelo gênero. A reescrita de *Hamlet* no Brasil oitocentista se dá a partir de uma transposição de gênero: a um gênero considerado maior como o trágico, Machado contrapõe um gênero moderno como o conto realizando uma

* Mestranda em Letras – Teoria da Literatura - UFJF.
Orientadora: Profª Drª Teresinha Zimbrão da Silva.

travessia considerada pelas instituições convencionais como qualitativa. Essa dessacralização da tragédia e também da própria obra *Hamlet* estende-se ainda pelo texto através de inversões, de dissonâncias, de deslocamentos que marcam o viés contrapontual sob o qual se apresentam, no conto, as personagens, a linguagem, as marcações sociais e espaciais e aspectos da realidade brasileira.

“A cartomante” profana, em vários planos, as idealizações sobre as quais a tragédia clássica se constrói mergulhando-se em um riso validado pelo entrelaçamento do sublime e do vulgar, do sério e do cômico, da crítica e do ceticismo. O reino da Dinamarca, ao chegar ao Rio de Janeiro oitocentista, transforma-se, dessacralizando-se.

As personagens machadianas, ao contrário das shakespearianas, sustentam-se sobre traços marcados pela tinta do cotidiano, da medianidade (quase até da mediocridade), o que as situa no âmbito da verossimilhança, da realidade, invertendo o código de estruturação da tragédia. Os meios sociais enfocados no conto aproximam a narrativa do universo do leitor, da esfera moderna e aburguesada do cotidiano brasileiro dos oitocentos. A linguagem utilizada no texto, conjugando erudito e popular, ironia e tom impessoal, nos conduz ao terreno da desidealização, da desproporção, que possibilita um desvelamento cáustico, mordaz das relações sociais, da natureza humana, do real.

O tom crítico que perpassa *Hamlet*, por sua vez, encontra equivalência suplementada no texto machadiano, que, sutilmente norteado por uma concepção filosófica particular da existência humana, articula agonisticamente, profundamente crítica e pessimismo, censura férrea e ironia intensa atravessada por desencanto e por cinismo.

“A cartomante” também mescla aspectos da realidade brasileira com discussões de caráter universal. A frase do príncipe dinamarquês, no conto, insere-se em um prosaico e particular contexto burguês em que coexistem misticismo e discussões racionalistas, positivistas. Aspectos como a orientação européia de visões de mundo da burguesia oitocentista no Brasil, a marginalização de mulher em tal contexto histórico, o sincretismo religioso presente na cultura brasileira, além da relegação da tradição do vaticínio dentro da periferia a uma dimensão extraburguesa pontuam, de forma decisiva, o conto em questão orientando tanto o seu desenvolvimento quanto o alcance da situação especular (em diferença), transcriadora, tradutora da construção narrativa.

Machado de Assis, destacamos, acaba por nos mostrar, em seu texto, que é possível e interessante articular identidade nacional e dimensão universal de forma criativa e ativa. Estabelecendo com destreza e originalidade a conexão da periferia com o centro, o escritor consegue reivindicar a afirmação de uma cultura periférica e, indo além, a própria participação do ex-colonizado no legado cultural ocidental. Ao se inserir

criticamente em uma ordem hegemônica européia, a escritura passa a ser o lugar de encontro, de diálogo do ex-colonizador com ex-colonizado, que se dará em termos de contestação, mas também de ponderação, de irreverência mas também de reverência voluntária (a admiração de Machado de Assis pela obra de Shakespeare é ponto atestado por vários estudiosos daquele autor). "Devorando" o "inimigo" com **diplomacia** (SILVA, T. V. Z. 1995:29), o escritor brasileiro nos apresenta uma visão muito instigante, muito ampla das relações internacionais, da articulação universal/global, da complexidade da construção identitária do indivíduo, da questão da nacionalidade, das fronteiras nacionais e da própria permeabilidade entre culturas. Mais uma percepção aguda do mestre a que a crítica literária atual deve estar atenta se não quiser passar de um extremo a outro: de uma postura eurocêntrica a um fechamento nacionalista da periferia, incapaz de dar conta da verdadeira situação política, econômica e cultural dos países marginalizados pelo centro Estados Unidos – Europa.

Referência Bibliográfica

SILVA, Teresinha Vânia Zimbrão da. *Diplomacia em literatura*: esboço de uma outra leitura do testamento estético de Machado de Assis, **Advir**, Rio de Janeiro, n.7, out/95, p.28-30.

